Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras 2017

<http://unbral.nuvem.ufrgs.br/> | E-mail: unbralfronteiras@ufrgs.br

Jornalismo nas redes e mobilização social por Segurança Pública na fronteira

Ponta Porã/BR-Pedro Juan Caballero/PY

Gesiel Rocha de Araújo

Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras 2017, vol. 4, p. 35-53, 2019.

DOI 10.21826/2525-913X-2017-4-04

Publicado por:

Unbral Fronteira – Portal de Acesso Aberto das
Universidades Brasileiras sobre Limites e Fronteiras;
Instituto de Geociências/UFRGS; Editora Letra1.

Porto Alegre, 2019

**UNBRAL
FRONTEIRAS**

Jornalismo nas redes e mobilização social por Segurança Pública na fronteira Ponta Porã/BR-Pedro Juan Caballero/PY¹

Gesiel Rocha de ARAÚJO²

RESUMO

Pesquisa exploratória realizada buscou conhecer o contexto social e o ambiente no qual atuam jornalistas da imprensa online na fronteira do Brasil com o Paraguai (Ponta Porã e *Pedro Juan Caballero*). Nas entrevistas efetuadas, alguns profissionais relataram que, no início de 2014, a cidade brasileira enfrentava uma onda de criminalidade e violência sem precedentes, motivando a comunidade local a se organizar no que ficou conhecido como movimento “Ponta Porã de Joelhos”, cujo principal intuito era cobrar providências do poder público estadual e municipal com relação à Segurança Pública. A mobilização teve ampla repercussão nas redes sociais e nos sites de notícias, com vasta cobertura jornalística das manifestações populares que ultrapassaram o ambiente online e ganharam as ruas. Este texto aborda como as ferramentas virtuais foram utilizadas naquele momento para mobilizar as pessoas em favor da causa.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo nas redes. Imprensa online. Mobilização social. Segurança Pública. Fronteira Brasil-Paraguai.

¹ Trabalho elaborado em 2017 no âmbito do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGCOM-UFMS), como resultado de parte de pesquisa exploratória para a dissertação “A fronteira ignorada: cooperação e conflito na imprensa fronteiriça on-line” (Araújo, 2018), com atualização de dados em 2019.

² Mestre em Comunicação. Doutorado do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: gesiel.pro@gmail.com.

Introdução

Este trabalho tem como objetivos relatar e discutir um conjunto de episódios ocorridos ao longo de 2014 no município de Ponta Porã, no estado do Mato Grosso do Sul, quando parte da população se manifestou de forma organizada virtual e fisicamente cobrando providências das autoridades estaduais por mais segurança na região. Situamos tais acontecimentos num contexto de estratégias de comunicação e mobilização social por meio das ferramentas da internet, dedicando atenção a dois aspectos: a atuação de jornalistas como mobilizadores sociais e a materialização da manifestação popular do ambiente virtual para o físico. Embora já tenham se passado alguns anos, acreditamos que a discussão ainda confere atualidade ao objeto abordado.

A zona fronteira em questão é formada pelas cidades-gêmeas de Ponta Porã, localizada no território brasileiro, e *Pedro Juan Caballero* – capital do Departamento de Amambay, no Paraguai –, sendo a região mais expressiva econômica e politicamente da faixa de fronteira entre os dois países no Mato Grosso do Sul. Juntas, formam uma área territorial superior a 10,5 mil km² e totalizam uma população estimada em mais de 210 mil habitantes (IBGE, 2019; DGEEC, 2015), constituindo uma conurbação. As duas cidades são entrecortadas por uma fronteira seca, uma linha imaginária, e o limite internacional é constituído por uma estreita faixa de terra de cerca de 13 km de extensão, com a Avenida Internacional do lado brasileiro e a Avenida Dr. Francia do lado paraguaio.

Os fatos foram mencionados inicialmente ao longo de uma série de entrevistas e conversas informais com jornalistas e outros profissionais de imprensa atuantes nos dois municípios, que ajudaram a compor o cenário do jornalismo fronteiro para um estudo mais amplo. Em sua totalidade, a pesquisa compõe a dissertação de mestrado concluída em 2018 e intitulada “A fronteira ignorada: cooperação e conflito na imprensa fronteira on-line”

(Araújo, 2018). Para este trabalho, conversamos com quatro jornalistas de Ponta Porã, que ajudaram a recompor o cenário daqueles acontecimentos, dois dos quais são citados a seguir. As entrevistas foram realizadas durante visita à localidade no período entre 27 e 30 de dezembro de 2016.

Em janeiro de 2017 coletamos 24 matérias jornalísticas publicadas entre julho e setembro de 2014 nos sites de notícias locais Ponta Porã Informa (www.pontaporainforma.com.br), Jornal Che Fronteira (www.chefronteira.com)³, Porã News (poranews.com) e Conesul News (www.conesulnews.com.br), entre outros, que proporcionaram uma leitura contextual das manifestações populares daquele momento. Também coletamos postagens nas redes sociais Facebook e Youtube, nos mesmos meses, de jornalistas e de outros mobilizadores sociais que se manifestaram em favor da melhoria da Segurança Pública na cidade, a partir das hashtags “#PontaPorãDeJoelhos” e “#ImplorandoPorSegurança”.

Fronteiras e Redes Digitais

O conceito de fronteira pode ser observado por meio de diversas perspectivas, das mais clássicas às mais contemporâneas. Para Ratzel, por exemplo, ela pode ser definida como uma linha geográfica com a finalidade da cisão de territórios distintos, sujeitos a duas soberanias diferentes (2011). Raffestin descreve a fronteira como uma categoria político-administrativa e uma linha imaginária cuja função é separar dois países, sendo assim alvo de manipulação pelos estados-nações e de transformação em símbolo de ideologia (1993). Já Foucher concebe as fronteiras como arcabouços estruturais e elementares dentro de um espaço delimitado, com a função de incerteza e descontinuidade de cunho geopolítico (2009).

³ Atualmente, o site do jornal Che Fronteira encontra-se fora do ar, restando apenas a página do veículo no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/JornalCheFronteira>>. Acesso em: 5 set. 2019.

Na concepção de Grimson, a fronteira seria um “produto do fazer humano historicamente construído” que, sem desprezar os limites nacionais, constitui-se em “algo em contínuo movimento de adequação, readequação e reconfiguração, onde as realidades são dinamicamente condicionadas e intrinsecamente associadas ao contexto histórico dos quais são tributárias” (2000, p. 23). Dentre as diversas perspectivas, para este trabalho, filiamo-nos à concepção de fronteira cultural expressa por Pesavento, para quem a fronteira deve ser pensada em sua dimensão de ambivalência e ambiguidade, porque “avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença” (2002, p. 36).

Embora não busquemos reforçar estereótipos historicamente enfatizados, sobretudo pela mídia⁴ nacional, de que as fronteiras são regiões delineadas quase exclusivamente pela criminalidade e pela violência relacionadas ao tráfico de drogas, também não há como desconsiderar tal aspecto, principalmente porque é dele que trata este texto. Como exemplo de como essa questão é tratada muitas vezes pela própria imprensa local, selecionamos um trecho de editorial publicado pelo site Ponta Porã Informa no dia 25 de julho de 2014, intitulado “População de Ponta Porã está amedrontada com a onda de assaltos na cidade”⁵:

Amedrontada sem saber como agir e a quem recorrer, a população de Ponta Porã está reclusa e refém da bandidagem, que nos últimos meses está fazendo vítimas diariamente. São furtos, assaltos a qualquer hora do dia ou da noite, sem qualquer preocupação com o movimento. Tanto a polícia Militar, quanto a polícia Civil está refém da falta de estrutura para trabalhar.

⁴ Por questão de objetividade textual, neste trabalho não consideramos as diferenças conceituais entre os termos mídia e imprensa, tratando-os como sinônimos.

⁵ Disponível em: <<https://www.pontaporainforma.com.br/noticias/policia/populacao-de-ponta-pora-esta-amedrontada-com-a-onda-de-assalto-na-cidade>>. Acesso em: 5 set. 2019.

Na opinião de Ferraro Júnior e Buitoni, essa zona fronteira se constitui num “nó” do crime organizado porque as divergências legais, a burocracia, as restrições dos órgãos estatais e a corrupção representam fortes atrativos à impunidade (2011). “A falta de integração entre os Estados, somada às oportunidades de lucros oferecidas pela natureza das fronteiras, [...] permitiu o domínio de cartéis narcotraficantes, contrabandistas, traficantes de armas, dentre outros”, afirmam os autores (2011, p. 5). Analisando a questão da perspectiva histórica, eles destacam que as redes do crime organizado formam um território internacional conflituoso, marcado por um código chamado de “lei da fronteira”, cuja origem remonta à fundação dos povoados no final do século XIX, conforme aponta Corrêa:

A fronteira aberta e imensa, vigiada de forma sempre insuficiente, oferecia a perspectiva concreta de fuga e a certeza da impunidade. As autoridades dos núcleos populacionais fronteiriços acusavam a gravidade do problema, cientes de sua impotência para coibir e punir desordens e crimes diversos e sem poder garantir as mínimas condições de ordem e tranquilidade pública em suas comunidades (1999, p. 208).

Incurções teóricas e a pesquisa exploratória realizada permitem-nos afirmar que a imprensa local, embora limitada estruturalmente, exerce importante papel em ambientes fronteiriços como esse em questão, sendo por meio dela que as comunidades se manifestam e discutem publicamente muitos dos temas de interesse comum, com privilegiado espaço para a criminalidade. Para Soares, “a circulação de informações possibilita trocas sociais importantes e essenciais nas cidades localizadas em regiões de fronteira” (2011, p. 12). Complementando, Müller et al. sinaliza que “a mídia da fronteira funciona como a representação concreta das relações que se estabelecem na sociedade, a partir dos interesses e desejos desta, decorrentes das crises, conflitos e necessidades que se criam no dia a dia de vizinhança” (2010, p. 124).

Nesse ambiente de complexa interconexão, tensão, conflito, mas também de cooperação, situamos o jornalismo fronteiriço como o conjunto de técnicas, práticas e atividades que apreendem e representam a realidade dessa “interação transfronteiriça que se constrói também sobre o cultural, mais especificamente sobre as semelhanças entre padrões de conduta, valores, idiomas, enfim, no entorno simbólico entre os dois lados da fronteira” (Ruiz, 1996, p. 1). Trata-se, portanto, de uma retroalimentação entre jornalismo e fronteira que mantém o fluxo de informações essencial para a dinâmica dos cruzamentos nas fronteiras nacionais e, sobretudo, nas fronteiras culturais.

Podemos adicionar a esse cenário mais um elemento: a internet, por meio dos sites de notícias, nativos ou surgidos como versão digital de veículos tradicionais analógicos (jornais, rádios e canais de TV). “A internet compõe a tessitura das relações da hipermodernidade. [...] Tanto do lado brasileiro quanto dos países vizinhos, a mídia está online, abordando temas, gerando informação, estabelecendo contatos, proporcionando interação entre territórios e pessoas”, apontam Müller, Raddatz e Bomfim (2013, p. 68). Além das próprias plataformas digitais, os sites de notícias recorrem a outras ferramentas para ampliar seu alcance:

[...] boa parte da mídia online situada nas regiões das fronteiras, progressivamente, aproveita os canais digitais das redes sociais, mesmo que ainda não de forma integral, configuração esta que pode se alterar a qualquer momento, justamente pela velocidade das mudanças nesta área. A atualização é necessária e constante (Müller; Raddatz; Bomfim, 2013, p. 72).

Nesse entrelaçamento do elemento jornalístico dos sites de notícias com o dinamismo da difusão de conteúdo nas redes sociais, as tensões, os conflitos e os arranjos colaborativos se propagam com amplitude e velocidades sem precedentes. Constitui-se assim um ambiente favorável à organização e mobilização de grupos

sociais em torno de interesses comuns. E a convocação para essa mobilização dá-se, como descrevem Malini e Antoun, “através das redes, para além das vias tradicionais, em um massivo boca a boca digital”, aglutinando “desde pessoas que não representam a ninguém em particular a outras que representam o grupo *nem nem* (nem estuda, nem trabalha), aos profissionais enfadados, passando pelos ativistas de todos os tipos de causa” (2013, p. 220).

Ao atuar como mobilizadores sociais, recorrendo às ferramentas disponíveis na internet para isso, profissionais de imprensa muitas vezes compartilham do senso de urgência e desespero da comunidade onde estão inseridos, tal como descreve Castells, ao comentar grandes mobilizações sociais pelo mundo organizadas na era da internet (2013):

Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e quando necessário pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada (Castells, 2013, p. 10).

Ainda conforme esse autor, a mobilização social ao longo da história sempre recorreu a algum tipo de comunicação, a forma mais eficaz disponível em cada época, para alcançar seus objetivos (2013). A seu ver, as redes digitais são hoje a forma de comunicação mais rápida, autônoma, interativa, reprogramável e horizontal, capaz de proporcionar o engajamento e a troca de informações entre os indivíduos dentro dos movimentos sociais de forma menos hierarquizada e mais participativa. Na visão de Ugarte, esse processo pode inclusive rearranjar estruturas de poder: “Com a Internet conectando milhões de pequenos computadores hierarquicamente iguais, nasce a era das redes distribuídas, que abre a possibilidade

de passar de um mundo de poder descentralizado para outro de poder distribuído” (2017, p. 40, tradução nossa).

De joelhos, implorando por segurança

Após esta breve discussão, passamos a relatar o movimento que se desenrolou na fronteira de Ponta Porã e *Pedro Juan Caballero*, clamando por segurança. A Linha Internacional, como é conhecida a divisa entre as duas cidades, foi cenário do assalto seguido de morte do jovem André Pereira, de 25 anos, na noite de 1º de agosto de 2014. De acordo com informações veiculadas em sites de notícias na época e com ampla repercussão na mídia estadual⁶, ele tentou defender o amigo, Elio Machuca Cantalipi, de 23 anos na ocasião, que estava sendo assaltado, e foi alvejado por três tiros de pistola 9mm. O fato pode ser visto como apenas mais um assassinato banal dentre uma série de crimes que assolavam a região com grande intensidade naquele ano, como descrevem os trechos a seguir:

Saldo atual da semana passada: 5 comércios atacados, 2 carros roubados, 2 motos, e umas 5/6 mulheres vítimas (perdi a conta), aliás, esses números foram o que consegui registrar, deve ter mais. Sim, em plena semana de aniversário da nossa Princesinha dos Ervais, uma onda de assaltos tomou conta das ruas, e que já dura um bom tempo. (Ponta Porã Informa, online, 21/07/2014)⁷.

Em um rápido levantamento efetuado pela reportagem do Jornal Regional com dados extraídos de vítimas e em cima de outras informações trazidas por amigos e parentes de quem já foi assaltado, nos últimos 30 dias foram registrados 96 casos em Ponta Porã.

⁶ O caso teve eco na imprensa sul-mato-grossense, como mostra a matéria “Jovem é executado a tiros ao defender amigo de assalto na fronteira”, publicada em 2 de agosto de 2014 pelo principal site de notícias do estado, Campo Grande News. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/jovem-e-executado-a-tiros-ao-defender-amigo-de-assalto-na-fronteira>>. Acesso em: 6 set. 2019.

⁷ Disponível em: <<https://www.pontaporainforma.com.br/noticias/ponta-pora/leia-coluna-do-clovis-sego-via-21-07-2014-10>>. Acesso em: 6 set. 2019.

E detalhe: a maioria destes crimes nem chegou ao conhecimento da polícia. (Ponta Porã Informa, online, 25/07/2014)⁸.

No entanto, o acontecimento também pode ser observado como o estopim de uma efervescência social que tomou conta da cidade brasileira em meados de 2014, motivada pelo conjunto dos sucessivos crimes e pelas dificuldades enfrentadas pelas forças policiais – falta de efetivo e de estrutura física – para garantir segurança à população local. Um dos momentos mais expressivos dessa mobilização popular ocorreu no início da noite de 3 de agosto, quando centenas de pessoas se juntaram em passeata pacífica pela principal rua da cidade, a Avenida Brasil, para clamar por segurança e cobrar das autoridades justiça pelas vítimas dos crimes, de acordo com depoimentos de participantes e notícias veiculadas na época⁹.

Vestidos de preto, com cartazes e faixas com frases de impacto e gritos em coro de “Queremos Segurança”, os manifestantes percorreram parte da avenida, cantaram o Hino Nacional e fizeram o gesto simbólico do movimento: ficaram de joelhos, alguns encenando as mãos atadas e muitos carregando um adesivo com os dizeres “Ponta Porã de Joelhos – #ImplorandoPorSegurança”. A manifestação representou a materialização de um processo que começou no ambiente físico, tomou os canais da internet e, depois, concretizou-se nas ruas e gerou ainda mais repercussão no ambiente virtual, sob o nome de “Ponta Porã de Joelhos”, como mostra a figura 1.

O jornalista brasileiro Pedro Zadyr Mascarenhas Robaldo Júnior, proprietário do Jornal Che Fronteira, relatou que participou ativamente do movimento. Ele afirmou que, durante os episódios de 2014, exerceu tanto o papel de militante e mobilizador da causa

⁸ Disponível em: <<https://www.pontaporainforma.com.br/noticias/policia/populacao-de-ponta-pora-esta-amedrontada-com-a-onda-de-assalto-na-cidade>>. Acesso em: 6 set. 2019.

⁹ A matéria “População de Ponta Porã faz passeata pedindo mais segurança”, publicada no site Diário Digital em 4 de agosto de 2014 descreve a manifestação. Disponível em: <<http://www.diariodigital.com.br/policia/populacao-de-ponta-pora-faz-passeata-pedindo-mais-seguranca/117531/>>. Acesso em: 6 set. 2019.

Figura 1: Manifestação do dia 3 de agosto de 2014 no centro de Ponta Porã

Fonte: www.pontaporainforma.com.br

da segurança quanto o de profissional de imprensa, cobrindo os fatos, cobrando providências das autoridades em matérias e editoriais e difundindo conteúdo nas redes sociais. Em entrevista concedida no dia 30 de dezembro de 2016, ele descreveu como o movimento se organizou:

Em 2014, vivíamos uma onda de assaltos e furtos nunca presenciados antes. Por iniciativa da Associação Comercial e Empresarial de Ponta Porã, a sociedade civil começou a se organizar para cobrar providências das autoridades locais, estaduais e federais. Inicialmente, o movimento foi chamado de “Reage Ponta Porã”, mas houve um assalto em que o assaltante obrigou um senhor de idade avançada a ficar de joelhos. Então, numa das reuniões, alguém gritou: “Ponta Porã está de joelhos diante dos bandidos”. Entendemos que aquele seria um bom slogan para mobilizar as pessoas a se manifestarem publicamente. Por meio dos sites de notícias e das redes sociais, unimos as pessoas no movimento denominado “Ponta Porã de Joelhos” e fomos às ruas, brasileiros e paraguaios juntos. (Robaldo Júnior, 2016).

Quem também relatou ter acompanhado de perto os fatos relacionados ao movimento, cobrindo, escrevendo e publicando conteúdo nas redes sociais, foi o radialista e jornalista brasileiro Sebastião Neris Prado, proprietário do site Ponta Porã Informa e entrevistado em 27 de dezembro de 2016, que descreveu o seguinte:

O movimento nasceu de um grupo de comerciantes e moradores vítimas de assaltos, que se reuniram para iniciar uma mobilização visando cobrar maior segurança em Ponta Porã. O grupo não tinha líderes, mas dois jovens, Nuno Gaeta e Clóvis Segóvia, encamparam a frente das atividades visando englobar toda a sociedade civil organizada e a população de uma maneira geral. Nas reuniões que levaram às manifestações, várias estratégias foram discutidas, inclusive a formação de uma caravana para ir a Campo Grande conversar com o governador e cobrar o reaparelhamento das polícias militar e civil e a coleta de assinaturas para os governos estadual e federal pedindo a presença da Força Nacional e do DOF [Departamento de Operações de Fronteiras] em Ponta Porã (Prado, 2016).

Com as expressões “#PontaPorãDeJoelhos” e “#ImplorandoPorSegurança”, o movimento deixou as salas de reuniões da Associação Comercial e o espaço editorial dos sites de notícias e ganhou as redes sociais com força e grande engajamento público, a partir de postagens na rede social Facebook, como ilustram as figuras 2a e 2b:

A manifestação do dia 3 de agosto foi a mais expressiva do movimento “Ponta Porã de Joelhos”, mas não foi a única. Outras passeatas e paralisações do comércio e de outros setores da economia local entre os meses de julho e setembro daquele ano mobilizaram a comunidade nas redes sociais e nas ruas. Utilizadas com a finalidade de mobilizar as pessoas para sair às ruas, as redes sociais – principalmente o *Facebook* e o *Youtube* – foram as principais ferramentas de difusão das manifestações e da indignação das pessoas que delas participavam, ilustrada no depoimento de

Figura 2A e 2B: Exemplos de postagens no Facebook convocando a população a se manifestar

Clóvis Segóvia

Seguir · 30 de julho de 2014 · 🌐

HOJE, às 18 horas, no Colégio Total (antiga Mace). Tem REUNIÃO do Movimento Ponta Porã de Joelhos. Onde debateremos sobre o abaixo assinado, e a Manifestação. Leve seu amigo, e vamos juntos pedir por SEGURANÇA em Ponta Porã! Chega de sermos assaltados todos os dias! Chega de descaso do Poder Publico! Ninguém aguenta mais!!!

Venha participar!!!!

#PontaPorãDeJoelhos #ImplorandoPorSegurança — com Sandra Suzel Montiel Borba, Willian Danone, Giuliano Fróes e outras 41 pessoas.

2A

Farmácia Oriental

11 de agosto de 2014 · 🌐

Curtir Página

Os ASSALTOS CONTINUAM!
 DIVULGUEM - A UNIAO FAZ A FORÇA!!! [#pontaporãdejoelhos](#)
 ""Ponta Porã vai parar no dia 15 de agosto""
 Comércio, empresas, taxis e entidades vão cruzar os braços contra a falta de segurança
 Entidades representativas de classes trabalhadoras, do Ministério Público, empresários, profissionais liberais, taxistas, professores, associações, sindicatos, clubes de serviço e outras agremiações que representam a sociedade civil de Ponta Porã, liderados pela Associ...
 Ver mais

12

2 compartilhamentos

Curtir

Comentar

Compartilhar

2B

Fonte: www.facebook.com

uma manifestante anônima em vídeo caseiro postado no *Facebook* no dia 4 de agosto de 2014 (descrição de áudio a seguir, link indisponível):

Eu peço às autoridades responsáveis por Ponta Porã que, pelo amor de Deus, tomem uma providência, porque os outros estão vindo do lado de lá aprontar no lado de cá. E nós não estamos conseguindo mais viver. SOS Ponta Porã. Nós precisamos viver, precisamos ter liberdade de ir e vir, de trabalhar, de ver nossos filhos sair e voltar para casa. Quando nossos filhos saem, começamos a rezar porque não sabemos se eles vão voltar. Pelo amor de Deus, nos ajudem. Socorro, Ponta Porã está pedindo socorro às autoridades brasileiras e paraguaias.

De acordo com as notícias veiculadas nos sites de notícias naquele período, coletadas e analisadas no âmbito deste levantamento, e os depoimentos dos profissionais de imprensa que acompanharam os eventos, as manifestações físicas e virtuais ganharam ampla repercussão no meio político estadual e até nacional. O então governador do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli (PMDB), publicou a seguinte mensagem em seu perfil no Facebook, no dia 4 de agosto: “[...] estou determinando providências imediatas por meio da Secretaria de Segurança Pública. Iniciamos já no fim de semana uma série de operações especiais, o policiamento está reforçado com várias equipes que encaminhamos para a cidade e a Força Nacional está atuando ao nosso lado”¹⁰.

Os candidatos ao governo do Estado na época – Reinaldo Azambuja, PSDB; Delcídio do Amaral, PT; e Nelson Trad Filho, PMDB – também assumiram compromissos públicos de aumentar os investimentos em efetivo e estrutura nas forças policiais da região, conforme relataram as matérias coletadas e os depoimentos. A principal providência prática tomada em âmbito político naquele

¹⁰ Mensagem reproduzida em diversos veículos online na época, entre as quais a matéria “Ponta Porã protesta contra violência e quer segurança” publicada no site do jornal O Progresso em 5 de agosto de 2014. Disponível em: <<https://www.progresso.com.br/policia/ponta-pora-protesta-contraviolencia-e-quer-seguranca/129373/>>. Acesso em: 7 set. 2019>.

período, no entanto, foi o envio pelo governo Federal da Força Nacional de Segurança Pública a Ponta Porã, que chegou à região no início de setembro e ajudou a coibir a onda de crimes que motivou as manifestações, como descreve o trecho extraído de matéria intitulada “Força Nacional atua na fronteira do Brasil com o Paraguai”, publicada no site do então Ministério da Justiça e Cidadania, hoje Ministério da Justiça e Segurança Pública:

A Força Nacional de Segurança Pública reforçou o patrulhamento na região de fronteira com o Paraguai nos últimos 30 dias. Nesse período, as equipes abordaram mais de três mil pessoas e 900 veículos. Doze foram presos em flagrante por tráfico ou porte de arma, um foragido foi recapturado e seis adolescentes foram apreendidos. Mais de 65 kg de cocaína, 100 kg de maconha e 3 kg de crack foram retirados de circulação (Ministério da Justiça, online, 03/10/2014)¹¹.

Quanto aos resultados concretos da mobilização, que levou centenas de pessoas às ruas com a ajuda dos sites de notícias e das redes sociais, Robaldo Júnior (2016) afirmou:

As reivindicações foram atendidas parcialmente, com a vinda da Força Nacional, a atuação mais efetiva do DOF e uma pequena melhoria no efetivo da Polícia Militar. Com isso, tivemos a sensação de que diminuíram os assaltos e furtos, devido a um policiamento mais ostensivo. Mas ainda estamos muito longe de uma situação de plena segurança, pois todo o efetivo policial atuando no lado brasileiro hoje, somando as polícias Militar e Civil, é de cerca de 70 homens. Ainda temos muito a conquistar.

¹¹ Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/news/forca-nacional-reforca-seguranca-na-fronteira-com-o-paraguai/>>. Acesso em: 7 set. 2019.

Do ponto de vista da organização social, é possível que o principal legado do movimento tenha sido a criação do grupo “Defensores da Fronteira”, em reunião na Associação Comercial da cidade em 5 de novembro de 2014¹². Composta por representantes de diversos segmentos da sociedade civil, a iniciativa surgiu com a finalidade de debater e apresentar propostas e cobrar decisões por parte do poder público em diversas áreas, com ênfase em segurança pública. Com a participação de promotores públicos, empresários, servidores públicos, dirigentes de entidades de classe, clubes de serviço, líderes comunitários e de igrejas estabelecidas naquelas cidades fronteiriças, o grupo continua organizado até hoje, atuando frente às autoridades brasileiras e paraguaias na cobrança de medidas concretas para garantir segurança aos moradores da região fronteira.

O exemplo abordado permite-nos inferir que a imprensa fronteira, particularmente os sites de notícias, participa de forma relevante nos múltiplos aspectos políticos, econômicos, culturais, religiosos e sociais da região abordada. Embora essa participação também seja relevante em qualquer outra região, nas fronteiras ela ganha contornos mais destacados porque a mídia insere-se num contexto de alta complexidade, marcado pela relação de duas ou mais culturas que, não só se caracterizam pelas diferenças e contrastes identitários (Nascimento, 2012), mas são também marcadas profundamente pelos conflitos institucionais e culturais.

Conforme salienta Müller et al., a mídia nas fronteiras “interage com os processos sociais de demolição e reestruturação e [...] promove e absorve mudanças. Acompanha e participa do esvaziamento e da composição de novas formas de convivência,

onde a lógica da negociação permeia a constituição das

¹² Fato relatado em detalhes na matéria “Sociedade organizada implementa Associação Defensores da Fronteira”, publicada no site Ponta Porã Informa em 6 de novembro de 2014. Disponível em: <<https://www.pontaporainforma.com.br/noticias/ponta-pora/sociedade-organizada-implementa-associacao-defensores-da-fronteira>>. Acesso em: 7 set. 2019.

culturas" (2010, p. 117). Esse posicionamento reforça a ideia de que, em muitos casos, os conflitos promovem cooperação entre os povos dos dois lados das fronteiras (Albuquerque, 2010), e que o jornalismo fronteiriço é promotor de conflitos, mas também atua para dissipá-los ao mobilizar as pessoas para cooperar. A questão que emerge dessa discussão diz respeito aos limites entre a atividade jornalística e as ações de mobilização da comunidade em torno de causas de interesse público.

Considerações finais

A sequência de episódios que constituíram o movimento "Ponta Porã de Joelhos" e culminaram na organização do grupo "Defensores da Fronteira" evidencia, numa análise preliminar, um caso emblemático de utilização das ferramentas da internet para mobilização da comunidade em prol de uma causa comum. Emblemático porque demonstra claramente a ação de jornalistas no papel de mobilizadores sociais, atuando efetivamente, para além da atividade própria da reportagem, na aglutinação de público para a causa em questão. Fica evidente também a adoção de uma estratégia de comunicação apoiada na soma da relevância dos sites de notícias e do poder de penetração e difusão das redes sociais.

Não pretendemos, nesta breve abordagem, chegar a uma conclusão acerca dos desdobramentos e implicações da interação entre jornalismo fronteiriço e mobilização social. Buscamos sim levantar o tema para eventuais e futuras abordagens na perspectiva de que o conflito e a cooperação se materializam na vida cotidiana das fronteiras, na e pela pauta jornalística. O que percebemos é que, com seus sites de notícias apoiados na repercussão que as redes sociais proporcionam, jornalistas mobilizadores sociais buscam, como discutimos anteriormente, fazer parte de um novo contexto no qual a mudança na estrutura das informações causada pela internet está promovendo uma nova distribuição do poder.

Embora os fatos relatados tenham ocorrido há algum tempo, consideramos válido trazer o tema à tona tendo em vista que questões ligadas à Segurança Pública nas fronteiras nacionais seguem sendo pauta para a mídia e objeto de reivindicação das populações locais. Episódios de criminalidade e violência, além de serem foco de constantes preocupações dos moradores fronteiriços, são comumente tratados pela imprensa nacional e também local de forma a estigmatizar essas regiões e a turvar a observância de ricos aspectos culturais e de iniciativas que, embora muitas vezes oriundas de conflitos, resultam em algum nível de integração entre as comunidades vizinhas. Este é, porém, assunto para futuras discussões.

Referências

- ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Conflito e integração nas fronteiras dos "brasiguaios". **Caderno CRH**. Salvador, v. 23, n. 60, p. 579-590. 2010.
- ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- ARAÚJO, Gesiel Rocha de. **A fronteira ignorada**: cooperação e conflito na imprensa fronteiriça on-line. 2018. 186 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CORRÊA, Lúcia Salsa. **História e Fronteira**: o sul de Mato Grosso 1870-1920. Campo Grande: UCDB, 1999.
- DGEEC – Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos. **PARAGUAY**: proyección de la población por sexo y edad, según distrito, 2000-2025. 2015. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/proyeccion%20nacional/Proyeccion%20Distrital.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2019.

FERRARO JÚNIOR, Vicente Giaccaglini; BUITONI, Marísia Margarida Santiago. A integração na fronteira seca: Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). In: Reunião Anual da SBPC, 63, 2011. **Anais [...]**. Goiânia: UFG 2011. p. 1-10.

FOUCHER, Michel. **Obsessão por Fronteiras**. Tradução de Cecília Lopes. São Paulo: Radical Livros, 2009.

GRIMSON, Alejandro. **Fronteras, naciones e identidades**: la periferia como centro. Buenos Aires: CICCUS; La Crujía, 2000.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Ponta Porã**. 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/ponta-pora/panorama>>. Acesso em: 7 set. 2019.

MÜLLER, Karla Maria et al. Comunicação e Integração Latino-Americana: a participação da mídia local na construção da cultura e da identidade fronteiriça. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 12, n. 2, p. 116-125, 2010.

MÜLLER, Karla Maria; RADDATZ, Vera Lucia Spacil; BOMFIM, Ivan. Mídia local nas páginas da web: fronteiras culturais no espaço das fronteiras nacionais. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 8, n. 2, p. 58-74, 2013.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. **Yo soy paraguayo, chamigo**: breve estudo sobre a identidade no Paraguai. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras culturais**: Brasil-Uruguai-Argentina. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, Friedrich. O solo, a sociedade e o Estado. Tradução de Mário Antonio Eufrásio. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 2, p. 93-101, 2011.

RUIZ, Olívia. O ir e vir: as relações fronteiriças (México e EUA). **Revista O Olho da História**, Salvador, n. 3, 1996.

SOARES, Marcelo Vicente Cancio. **Televisão Fronteira**: TV e telejornalismo na fronteira do Brasil e Paraguai. Campo Grande: UFMS, 2011.

UGARTE, David de. **El poder de las redes**. Madrid: Biblioteca de las Indias Electrónicas, 2007.

Entrevistas

PRADO, Sebastião Neris. Entrevista pessoal realizada com o proprietário do site Ponta Porã Informa, gravada em 27 de dezembro de 2016, em Ponta Porã.

ROBALDO JÚNIOR, Pedro Zadyr Mascarenhas. Entrevista pessoal realizada por telefone com o proprietário do Jornal Che Fronteira em 30 de dezembro de 2016, em Ponta Porã.

SILVA, Eder Rubens da. Entrevista pessoal realizada com o repórter correspondente do jornal O Progresso (Dourados-MS) e então presidente do Clube de Imprensa de Ponta Porã, gravada em 29 de dezembro de 2016, em Ponta Porã.

VERA, Lourenso. Entrevista pessoal realizada com o proprietário e editor do site Porã News, gravada em 29 de dezembro de 2016, em Ponta Porã.